

Notas de pesquisa sobre os modos de apropriação do cinema por educadoras na escolarização de jovens e adultos

Research notes about the ways of appropriation of films by educators in young and adults education

*Evelyn Fernandes Azevedo Faheina**

Universidade Federal da Paraíba

*Erenildo João Carlos***

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este texto analisa a presença do uso de filme na escolarização de jovens e adultos. Apresenta resultados de uma pesquisa que buscou conhecer os modos de apropriação de filmes pelas educadoras da EJA na escola. Para compreensão dessa questão, analisou-se o conteúdo da fala das docentes e observaram-se algumas práticas de ensino, nas quais o filme fora utilizado. Da análise dos dados coletados, concluiu-se que as educadoras têm se apropriado e empregado o filme como ilustração dos conteúdos curriculares e dos assuntos estudados, o que caracteriza o uso do filme como recurso adicional e secundário das atividades de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação, Filme, Escolarização de jovens e adultos.

Abstract

This paper analyzes the presence of film usage in young and adults education. It shows results of a survey that aimed to know the ways of appropriation of film at school by the educators of adult education. To understand that question, it was analyzed the content of the speech of teachers and observed some teaching practice in which film was used. From the analysis of collected data, it was concluded that educators have appropriated and used film like illustration of the curriculum contents and of the subjects studied, characterizing the use of film as an additional and secondary resource in activities of school.

KEYWORDS: Appropriation, Film, Young and adults Education.

Introdução

O estudo voltado para a reflexão acerca do uso da imagem fílmica na escolarização de jovens e adultos tem contribuído para a consolidação de mais um modo singular de se pensar e fazer educação. De acordo com Carlos (2010, p. 21),

O conjunto de reflexões, de saberes e de práticas produzidas e acumuladas no âmbito do pensar-fazer sobre o uso social da imagem, seja no espaço escolar da educação infantil, da educação básica, do ensino superior, da educação de jovens e adultos, profissional e especial, seja nos espaços sociais de aprendizagens não escolares, pode ser aglutinado em torno da expressão ‘pedagogia crítica da visualidade’.

Carlos (2010, p. 21) explica que “a ‘pedagogia crítica da visualidade’ anuncia um campo possível de reflexão, problematização e exercício de uma prática pedagógica específica”, pois se entende que a imagem (fílmica, televisiva, chágica, fotográfica, dentre outras) pode exercer uma função mediadora do conhecimento escolar. A expressão “pedagogia crítica da visualidade” refere-se, pois, a uma “alternativa possível de se problematizar, analisar e investigar a prática educativa; de se configurar o saber socialmente aceito; de se organizarem os lugares sociais de aprendizagem; de se ler e de se olhar criticamente o mundo [...]” (CARLOS, 2010, p. 22).

Portanto, é nesse cenário que o presente estudo se insere. O entendimento assumido neste texto é o de que o filme é visto como objeto de conhecimento, que participa ativamente na produção, organização e disseminação de conhecimentos, informações, valores, crenças e visões de mundo (DUARTE, 2002; LOURO, 2000). Compreendemos que o uso artístico e cultural do filme como fonte de entretenimento se justifica por si mesmo, mas, no cotidiano da escola, seu modo de apropriação pelas educadoras não deve se restringir a estas finalidades. Pelo contrário, deve-se resgatar o sentido (uso) pedagógico do filme, e entendê-lo como mediador de conhecimentos.

Por sentido pedagógico do filme, entenda-se aqui, a possibilidade de o cinema ser assumido pedagogicamente, conforme enuncia Louro (2000) e Duarte (2002). Isto é, em um sentido amplo, onde o cinema adquire o estatuto de estratégia pedagógica, capaz de fazer circular uma série de saberes, informações e conhecimentos que participam na formação social, cultural, política e educativa das pessoas. Particularmente, no espaço escolar, adotar o sentido pedagógico do filme equivale à maneira pela qual tal recurso é apropriado pelos professores nas práticas pedagógicas, comprometidas com a produção e a transmissão de saberes e conhecimentos.

Com isso, nossa principal preocupação no estudo desenvolvido ateu-se em verificar como as educadoras que lecionam o ciclo I e o ciclo II da EJA, lotadas nas escolas do Polo I da Rede Municipal de João Pessoa – PB, têm se apropriado do filme no espaço escolar. Para tanto, tomamos como objeto de estudo o uso de filme na escolarização de jovens e adultos, delimitando-o a partir dos aspectos possíveis de verificação concernentes ao processo de seleção de filmes e sua utilização pelas educadoras nos processos educativos formais. De modo mais preciso, pergunta-se: como as educadoras da EJA têm se apropriado de filmes no espaço escolar? Antes de nos atermos a responder a pergunta, faremos uma incursão teórica sobre a questão.

Cinema e educação: um diálogo possível

A função que ocupa o cinema, na formação social das pessoas, revela uma concepção de cinema vinculada à sua dimensão cultural. Do registro e preservação da cultura como memória, o cinema passa, então, a disseminá-la. Como participante do processo de construção, perpetuação e divulgação da cultura, o cinema apresenta pontos de intercessão com a educação e assume, desse modo, a condição de mediador de cultura, de conhecimentos.

Nas últimas décadas, por exemplo, tem-se presenciado a realização de muitos estudos na área de Educação, que buscam investigar o cinema e suas relações com espectadores, com a cultura, com a escola etc. Com efeito, o interesse crescente de pesquisadores em investigar o cinema e suas interfaces com o fenômeno educativo tem ampliado as pesquisas desenvolvidas no campo da Educação. Contudo, o fato é que o volume de publicações que refletem sobre tais objetos ainda tem ocorrido de uma forma bastante tímida¹. De acordo com Duarte (2002), este fato parece entrever que o reconhecimento social do cinema ainda não tem sido refletido de forma significativa nas pesquisas em educação. Nas palavras de Duarte (2002, p. 97),

A discreta publicação de artigos sobre o tema em nossos periódicos sugere que os pesquisadores dessa área ainda dão pouca atenção aos filmes como objeto de estudo. Mas a riqueza e a polissemia da linguagem cinematográfica conquistam cada vez mais pesquisadores que, reconhecendo os filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, passaram a considerar o cinema como campo de estudos.

Nesse sentido, embora se tenha um percentual reduzido de publicações sobre o tema na educação, ao que tudo indica, mais do que a divulgação isolada de trabalhos de dissertações, teses e artigos, estas publicações² parecem compor uma significativa amostra de pesquisas desenvolvidas no campo da Educação no Brasil.

O fato é que, mais do que a incorporação de filmes nos processos educativos, a compreensão do cinema, como objeto mediador de conhecimentos, implica na apropriação do conjunto de conhecimentos que são produzidos nesse campo. Antes de ser tomado como objeto de estudo por outras áreas, cujo interesse direciona a atividade de assistir filmes para fins educativos, o cinema está inserido em um campo próprio. Com isso, mesmo que o olhar sobre o objeto esteja situado em outro lugar distinto, como o da educação, o cinema deve ser considerado no âmbito de suas especificidades, pois, como ressalta Duarte (2002, p. 95), “o uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema”.

Isto não significa dizer que, para trabalhar com filme em sala de aula, o professor tenha que se tornar um especialista em cinema. No entanto, como afirma Napolitano (2009, p. 57), “o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho”. O uso de filmes sem a devida reflexão e conhecimento sobre suas especificidades geram práticas que carecem de orientação crítica, o que resulta no reforçamento dos aspectos culturais que circulam no filme exibido. O educador, que não possui graduação na área de comunicação social, poderá ter acesso a conhecimentos sobre Cinema por intermédio de outras fontes além de artigos, livros, dissertações e teses. Atualmente, a internet tem disponibilizado ao pú-

blico, especialmente educadores, filmes de curta-metragem com a finalidade de serem utilizados pedagogicamente no espaço escolar; um exemplo é o site que apresenta o projeto Curta na Escola³, uma extensão do projeto Porta Curta Petrobras que desde 2002 tem dado sua contribuição nesse sentido.

Sabe-se que a imagem em movimento, principal elemento do filme, apresenta conteúdos que indicam os sentidos de uma filmografia; são as ideias tratadas em um filme que compõem seus conteúdos. Com isso, pode-se dizer que o cinema é um meio que detém modos particulares de comunicação, através dos quais, conhecimentos são produzidos, acessados e transmitidos.

Os conhecimentos que circulam através dos filmes são os mesmos presentes em qualquer outro meio de comunicação (a exemplo da televisão, do rádio, da internet) ou material didático (como os livros e exercícios escolares), os quais podem ser observados através das proposições, críticas e reflexões. Na realidade, o que distingue o cinema de outras expressões humanas é justamente a forma como se tem acesso aos conceitos ou às ideias que o constituem.

É importante compreender que um filme é constituído por um conjunto de significações que compõem o seu discurso, o qual, por sua vez, é composto pelas imagens que simulam o movimento. Nesse caso, a imagem cinematográfica encontra-se submetida a sua própria discursividade, isto é, a sua forma peculiar de ser (a linguagem cinematográfica), cujo objetivo principal é a comunicação de ideias ou de “conceitos-imagem”, como sugere Júlio Cabrera (2006, 2010).

Nesse sentido, para que um filme seja utilizado no espaço escolar como mediador de conhecimentos, é preciso entendê-lo como um texto, o texto-imagem mediante o qual conteúdos são acessados, refletidos e investigados (CARLOS, 2002; 2006). Nesse caso, o texto cinematográfico deve ser apropriado no espaço escolar como mais um conteúdo que, inserido em condições pedagógicas, deve ter a intenção de comunicar e produzir conhecimentos; além disso, é importante uma aproximação com as especificidades do cinema, através da relação conteúdo-forma, em razão de ser por essas especificidades que o conteúdo fílmico se expressa.

Com efeito, os conhecimentos transmitidos através de filmes podem ser observados a partir dos conteúdos e formas presentes na composição do cinema. A imagem em movimento, como principal elemento da arte cinematográfica, apresenta conteúdos e formas que não isoladamente proporcionam o entendimento sobre as ideias transmitidas nos filmes. Tais ideias são vistas sob a forma de conceitos, temas, assuntos, argumentos, histórias etc. que compõem seus conteúdos. Já, a forma em cinema refere-se a própria disposição de seus recursos expressivos. Quanto à separação das imagens cinematográficas em forma e conteúdo, esta não acontece porque não há divisão entre o momento no qual os conteúdos são apresentados nas imagens cinematográficas e a forma como eles se expressam. Nesse sentido, forma e conteúdo não se separam, pois a própria forma também é conteúdo. Como explica Eisenstein (2002, p. 113), “o movimento que reside na base de uma obra de arte não é abstrato ou isolado do tema, mas a personificação plástica sintética da imagem através da qual o tema é expressado”.

Trazendo tal reflexão para a área da educação, que toma como objeto de estudo o cinema e suas possibilidades pedagógicas, pode-se argumentar que, se o cinema assume a função de meio de expressão que possui métodos específicos de apresentar e tratar conteúdos, tais procedimentos devem ser considerados na prática educativa, visto que conhecer as particularidades do cinema quanto às suas características e recursos expressivos possibilita a compreensão sobre o cinema como mediador de conhecimentos. Evidentemente que a compreensão do cinema, em relação às suas possibilidades pedagógicas, dá-se a partir do próprio fazer educativo, em virtude do entendimento do ato educativo como uma prática social intencional, deliberada e sistematizada.

Alinhando-se a perspectiva do cinema ser assumida como pedagogia, Louro (2000) afirma que esse fenômeno expressa uma espécie de pedagogia cultural. Em outras palavras, trata-se de uma concepção de pedagogia em um sentido amplo, compreendida, desse modo, como prática construtora da formação social dos indivíduos. A função pedagógica do cinema ou pedagogia do cinema (LOURO, 2000; DUARTE, 2002) remete à ideia de que o cinema é visto como capaz de fazer circular uma série de saberes, informações e conhecimentos que incidem sobre a formação humana. Portanto, falar em pedagogia do cinema significa, nesse sentido, considerar o quanto tal recurso participa na formação social, cultural, política e educativa das pessoas e as formas de que se vale esse recurso para abordar determinados aspectos da realidade.

De acordo com Duarte (2002, p. 87), iniciativas particulares de professores que promovem a exibição e discussão de filmes para estudantes e profissionais da rede de ensino fundamental e médio têm contribuído na construção de uma “cultura de valorização do cinema em instituições de ensino”. Além disso, a facilidade de acesso à aparatos tecnológicos como a televisão, o videocassete e o computador incentivou ainda mais o interesse em utilizar filmes nas atividades escolares. No entanto, conforme observa Duarte (2002, p. 87), quer seja em relação ao consumo regular de filmes na escola, quer seja em relação à disponibilidade de recursos tecnológicos para exibí-los, isto não determina o modo como o filme é utilizado, pois,

Embora valorizado, o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. [...]. Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para ‘ilustrar’, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis.

Tal compreensão sugere que, embora utilizados, os filmes são apropriados no espaço escolar como recursos de entretenimento ou como ilustração do conteúdo estudado. Nesse caso, o filme não é concebido como texto, objeto cognoscível ou mediador de conhecimentos.

Outra questão levantada pela mesma autora refere-se ao fato frequente por ela observado de que, geralmente, quando algum material didático é utilizado em situações pedagógicas, recorre-se a fontes adicionais, a exemplo da literatura, para orientação desta prática. Entretanto, quando se decide utilizar filmes no espaço escolar, raramente essa escolha perpassa o campo da teoria do cinema ou, de modo mais genérico, o que se sabe sobre o cinema. De acordo com Duarte (2002, p. 95), as atividades escolares continuam sendo norteadas pelo conteúdo programático, a partir do qual os

filmes são escolhidos, os objetivos são traçados e a atividade é desenvolvida. Contudo, conforme ela mesma ressalta:

[...] o uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. [pois] filmes não são decalques ou ilustrações para 'acoplarmos' aos textos escritos nem, muito menos, um recurso que utilizamos quando não podemos ou não queremos dar aula. Narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam.

Desse modo, baseando-nos na argumentação desenvolvida, entende-se que uma estratégia metodológica que inclua filme deva considerar, pelo menos, três pressupostos básicos. Em primeiro lugar, o educador precisa ter clareza das peculiaridades da linguagem cinematográfica, entendendo que o cinema possui características específicas que o distinguem de outros tipos de linguagens; em segundo lugar, deve reconhecer o filme como recurso capaz de mobilizar, organizar e mediar saberes; e, em terceiro lugar, deve conceber o filme como texto, como um dispositivo que estimula e facilita a apropriação do conhecimento escolar pelos estudantes e não como um mero recurso de entretenimento.

Ressaltamos, contudo, que, ao apresentar tais pressupostos, nossa intenção é apenas revelar alguns aspectos que consideramos indispensáveis para que haja a apropriação do filme como mediador de conhecimentos. Como uma maneira dentre outras de se pôr a caminho e não no sentido de afirmar que outros pressupostos inexistam, pois sabemos que vários autores também têm refletido sobre tal questão. Para Duarte (2002, p. 91), por exemplo, “é preciso ver o filme antes de exibí-lo, recolher informações sobre ele e sobre outros filmes do mesmo gênero e elaborar um roteiro de discussão que coloque em evidência os elementos para os quais se deseja chamar atenção”. Desse modo, as práticas educativas ganham um caráter pedagógico, sendo conduzidas pela intencionalidade do próprio ato.

Na verdade, toda essa discussão torna evidente a necessidade de assumir o cinema como objeto de estudo na área da educação, tendo como um dos objetivos refletir como esse recurso tem sido apropriado pelos educadores em âmbitos escolares (CARLOS; FAHEINA, 2010).

Tal discussão encontra-se presente tanto no debate teórico que reflete as possibilidades de aproximação entre Cinema e Educação, quanto no debate jurídico, tem, portanto, ganhado espaço na legislação específica da área da educação, como é possível constatar no Artigo 5º, inciso VII, da Resolução CNE/CP nº 01 de 15 de maio de 2006, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006, p. 11), que diz:

O egresso do curso de graduação em Pedagogia deverá estar apto a: relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Esta mesma ideia também é ratificada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, no Artigo 2º, inciso VII, da Resolução CNE/CP/ nº 01 de 18 de fevereiro de 2002, que aponta o uso de tec-

nologias da informação e da comunicação – o que inclui, nessa perspectiva, o cinema – como uma das competências do educador. Ou, ainda, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (BRASIL, 1997, p. 46) que refletem e propõem para os ciclos I e II o “reconhecimento e utilização dos elementos da linguagem visual, representando, expressando e comunicando por imagem: desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, construção, fotografia, cinema, vídeo, televisão, informática e eletrografia”.

A legislação que trata da modalidade EJA também reflete sobre essa questão. O Parecer CNE/CEB 11/2000 (BRASIL, 2000, p. 17), que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos é um exemplo, pois afirma que

não se pode considerar a EJA e o novo conceito que a orienta apenas como um processo inicial de alfabetização, [...] [pois] a EJA busca formar e incentivar o leitor de livros e das múltiplas linguagens visuais juntamente com as dimensões do trabalho e da cidadania.

Do ponto de vista normativo, estes documentos ratificam a importância do uso do cinema nos processos formativos escolares, e apresentam a competência para uso das linguagens visuais e tecnologias de comunicação, de modo geral, como um dos pontos da rede formativa do educador, em particular, o educador da EJA, conforme aponta o último documento citado.

Diante disso, fica claro que os educadores precisam se apropriar das múltiplas linguagens visuais no espaço escolar, especialmente do cinema, que constitui o centro de discussão deste estudo, pois, embora se reconheça que o educador formado no curso de Artes seja o profissional habilitado e competente para utilizar linguagens visuais nos processos educativos, em virtude de seu conhecimento teórico sobre o assunto, isso não significa que os demais profissionais não possam fazê-lo. Para tanto, o educador precisa conhecer as particularidades do objeto de que está se apropriando, neste caso o cinema; transformando-o em instrumento de sua ação e criando para ele novas funções, que se submetam às finalidades das práticas educativas escolares, ou seja, ao seu comprometimento com a produção e aquisição de conhecimentos.

Aspectos metodológicos

O estudo, de natureza qualitativa, pautou-se em uma escolha metodológica que buscou alcançar os objetivos propostos na investigação, por intermédio de entrevistas realizadas com as educadoras da EJA e observações sistemáticas de suas práticas de ensino desenvolvidas com o uso de filme no espaço escolar.

A pesquisa foi realizada precisamente em onze escolas pertencentes ao Polo I da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa – PB. O estudo se deteve nos ciclos I e II da EJA, que correspondem às séries iniciais do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano.

A entrevista semiestruturada foi uma das técnicas privilegiadas na coleta de dados do presente estudo, sendo os depoimentos posteriormente analisados à luz da técnica Análise de Conteúdo, orientado por Laurence Bardin (2011). Procedendo desse modo, objetivou-se especialmente a possibilidade de descrever, a partir dos depoimentos analisados, o modo como as educadoras têm se apropriado de filmes no espaço escolar.

Foram entrevistadas sete educadoras que lecionam os ciclos I e II da EJA das escolas do Polo I. O único critério de seleção adotado em relação às docentes para as entrevistas foi o de ter utilizado, pelo menos uma única vez, filmes de longa ou de curta-metragem nas atividades de ensino desenvolvidas com os estudantes da EJA. Desse modo, das 32 educadoras que lecionam os ciclos I e II da EJA do Polo I da Rede de Ensino de João Pessoa, apenas sete foram entrevistadas, correspondendo a um percentual de 21,8%.

Após a realização das entrevistas, foram observadas duas sequências didáticas com o uso de filmes, desenvolvidas em escolas diferentes: a primeira, realizada na Escola Municipal Luiz Vaz de Camões e, a segunda, na Escola Municipal Zumbi dos Palmares. A escolha destas observações correspondeu ao critério de maior e de menor frequência em relação ao uso de filme no espaço escolar. Desse modo, dentre as sete educadoras entrevistadas, duas foram selecionadas para observação de sua prática, sendo que uma declarou utilizar filmes em menor frequência durante o ano letivo enquanto a outra afirmou utilizar filmes com maior frequência. A informação sobre a frequência do uso desse recurso nas escolas foi fornecida pelas próprias educadoras no decorrer das entrevistas.

Análise e resultados

A partir da análise do conteúdo das entrevistas realizadas com as educadoras, verificou-se que o motivo que orienta suas escolhas referentes ao uso de filmes no espaço escolar é a possibilidade de este recurso ilustrar o conteúdo estudado. A categoria Uso de filme como ilustração, da forma como foi estabelecida para a análise, compreendeu a indicação comum do filme como recurso auxiliar de ensino. Os trechos⁴ a seguir são exemplares desse tipo de posicionamento em relação ao filme:

O vídeo é utilizado quando eu sinto necessidade que é importante eles visualizarem um contexto maior da coisa. [...] O vídeo é usado como mais um recurso e não o vídeo pra se tirar conteúdos dali; (E1, ciclo II, Escola Municipal Antônio Santos Coelho).

Se eu falar sobre o dia internacional da mulher, por exemplo, eu procuro cenas que retratem [...] (E2, ciclo I, Escola Municipal David Trindade).

[...] aí nós passamos esse filme ‘ilha das flores’ porque ilustrava muito bem o reaproveitamento dos alimentos [...] (E7, ciclo II, Escola Municipal Anita Trigueiro).

Na visão destas profissionais, o filme está presente nas práticas educativas sob a forma de recurso adicional e secundário. Ao expressar “o vídeo é usado como mais um recurso e não o vídeo pra se tirar conteúdos dali” (E1, ciclo II, Escola Municipal Antônio Santos Coelho), a educadora sinaliza a compreensão do filme como complemento visual dos assuntos estudados em sala de aula; e, quando outra educadora expressa “se eu falar sobre o dia internacional da mulher, por exemplo, eu procuro cenas que retratem [...]” (E2, ciclo I, Escola Municipal David Trindade), a educadora confirma que o filme serve para corroborar com o assunto anteriormente discutido por ela em sala de aula.

Com base nessa compreensão, tem-se, então, o filme enquanto possibilidade de complementação de algum assunto estudado ou como reforço e confirmação do que é proferido pelas professoras devido a sua capacidade ilustrativa. Nos dois casos, permanece a remissão do filme à condição de recurso de segunda ordem, cuja utilidade se restringe à capacidade de ilustrar o assunto estudado.

A partir da compreensão de Bardin (2011) sobre as causas e as consequências que determinam os conteúdos das mensagens (depoimentos) analisadas, assim como a partir das inferências realizadas, uma das causas que podem explicar o modo ilustrativo com que as educadoras se apropriam de filmes no espaço escolar é o distanciamento das mesmas acerca do cinema e suas possibilidades pedagógicas, pois as sete educadoras entrevistadas confirmaram não terem participado, até o momento, de oficinas, seminários, palestras ou ter acesso a livros e/ou artigos a respeito desta temática. Isto mostrou ser um indicador de que a apropriação do filme, no espaço escolar, ausente de reflexão sobre o cinema e suas possibilidades pedagógicas, inviabiliza seu modo de apropriação como mediador de conhecimentos.

Em relação a este fato, percebemos que o modo ilustrativo com que as educadoras se apropriam de filmes no espaço escolar é um reflexo da existência de uma lacuna presente no próprio processo formativo das educadoras. Ao confrontar os dados da pesquisa com alguns documentos⁵ jurídicos vinculados à legislação específica da área da educação, verificou-se que, do ponto de vista normativo, apesar de os documentos ratificarem a importância do uso do cinema nos processos educativos formais e apontarem ser uma das competências do educador o uso das linguagens visuais e das tecnologias de comunicação de modo geral, as educadoras afirmaram não possuir conhecimentos sobre essa questão, o que indica um limite no seu processo de formação.

Outro resultado constatado, através do estudo, foi de que as educadoras apresentam o assunto pertinente à disciplina previamente à exibição do filme, o que se apresentou como um indício de que esse recurso audiovisual ocupa uma posição secundária no processo de ensino. Os depoimentos abaixo corroboram com este entendimento:

[...] Não, primeiro é o conteúdo porque afinal de contas na escola eles (referindo-se aos estudantes) têm que aprender alguma coisa, né? [...] e com o uso do instrumento vídeo a gente vê que torna [a prática educativa] mais significativa (E1, ciclo II, Escola Municipal Antônio Santos Coelho).

Geralmente eu faço assim, faço a palestra e dou a aula primeiro como na cidade de João Pessoa (referindo-se à data comemorativa do aniversário da cidade de João Pessoa) eu falei um pouco aí depois fui e coloquei o vídeo, o filmezinho sobre a cidade de João Pessoa (E5, ciclo I, Escola Municipal Zumbi dos Palmares).

As observações das aulas ministradas pelas educadoras E4, E5 e E6 também ratificaram a exposição do assunto estudado previamente à exibição dos filmes, recorrendo a este recurso apenas com a finalidade de ilustrar o saber disciplinar, conforme expressa o quadro 01.

Ao afirmar: “primeiro é o conteúdo porque afinal de contas na escola eles têm que aprender alguma coisa” (E1, ciclo II, Escola Municipal Antônio Santos Coe-

lho), a educadora revela que o filme não é utilizado na condição de veículo de conhecimento, ou seja, o filme não é apropriado como um texto, que, possuindo conteúdos próprios, pode ser lido, estudado e assimilado pelos estudantes. Em função da verificação desse modo de utilização do filme, constatamos que o debate realizado em sala de aula com relação à filmografia exibida também acontece no âmbito de certo limite, na medida em que, conforme aponta o estudo, o debate é realizado na perspectiva de corroborar ou reforçar o que é ensinado pelas educadoras no espaço escolar.

Os depoimentos das educadoras também indicaram que a seleção dos filmes por elas utilizados no espaço escolar ocorre em função de dois critérios principais: a relação entre o filme e os saberes disciplinares (estritamente) e a relação entre filme, saberes disciplinares e contexto de vida dos estudantes. De acordo com o primeiro critério adotado, as educadoras relataram:

[o uso de filmes ocorre] sempre [em relação a] alguma coisa que tem haver no bimestre [...] ligado ao plano de curso que a gente tenha que falar (E3, ciclo I, Escola Municipal Afonso Pereira da Silva).

A escolha é feita a partir do conteúdo (E5, ciclo I, Escola Municipal Luiz Vaz de Camões).

De acordo com o conteúdo que a gente está trabalhando (E6, ciclo II, Escola Municipal Zumbi dos Palmares).

Com relação ao primeiro critério, apontado com maior regularidade no depoimento das educadoras, entende-se que escolher um filme a partir da relação que este estabelece com os assuntos debatidos na escola parece ser justificável, se pensarmos que, de acordo com a análise empreendida por Forquin (1993), uma das formas de organização da educação escolar ocorre a partir dos saberes disciplinares. Contudo, é preciso ressaltar que, na medida em que se entende o cinema como um texto, objeto mediador de conhecimentos, este critério torna-se insuficiente.

Compreendemos que um filme pode apresentar o mesmo teor de argumentação que o assunto ministrado pela educadora como também, pode apresentar uma posição diferenciada; ele pode estar sendo utilizado apenas para ilustrar os saberes problematizados, mas também, para corroborar com a fala das educadoras, conforme constatado na análise dos dados.

O fato é que, conforme anuncia Carlos (2002; 2006), o filme deve ser visto como um texto, mediante o qual conteúdos são acessados, refletidos e significados. O que significa que, ao articular o conteúdo curricular ao conteúdo fílmico, as educadoras devem partir da compreensão de filme nessa mesma perspectiva. Sendo assim, o próprio conteúdo do filme também deve ser considerado um critério de escolha para sua seleção.

Outro aspecto indicado na pesquisa diz respeito ao entendimento das educadoras sobre o filme como mediador do conhecimento escolar. Embora os depoimentos e as observações analisadas apontem a compreensão das educadoras de que o filme medeia conhecimentos, quer seja porque os estudantes se identificam com a narrativa fílmica, quer seja porque o filme oferece um elemento visual que permite melhor entendimento sobre os assuntos estudados em sala de aula, constataram-se

equivocos nessa forma de compreensão, visto que as educadoras têm se apropriado desse recurso audiovisual como suporte ou ilustração dos saberes disciplinares debatidos em sala de aula.

Ao expressar “Eu acho que visualizar é bem melhor, aprende muito mais do que você somente escrever” (E02, ciclo I, Escola Municipal David Trindade), a educadora enfatiza o caráter visual do filme e aponta que sua inserção nas práticas educativas constitui uma alternativa à exposição oral do conteúdo ministrado em sala de aula. Em outras palavras: a educadora expressa que a inserção do filme nas atividades escolares constitui uma alternativa ao uso da linguagem escrita, enfatizando que a presença do elemento visual no filme favorece a apropriação do conhecimento.

No entanto, conforme enunciado em outros momentos da análise dos dados da pesquisa, a capacidade do filme facilitar a aprendizagem dos estudantes sobre determinados assuntos é vista no limite da competência que o filme tem de ilustrar os saberes disciplinares. Desse modo, o filme é apropriado pelas educadoras como facilitador do conhecimento escolar porque, para elas, esse recurso tem a capacidade de ilustrá-lo através de textos escritos ou da sua própria fala e não por ser ele mesmo um veículo de conhecimento.

Nesse caso, o uso de filmes está relacionado ao modo de apropriação desse recurso como meio que dá suporte ao processo pedagógico. O que implica na exclusão da reflexão sobre o filme como objeto de conhecimento, uma vez que a relação estabelecida no espaço escolar com esse recurso é feita a partir dos conteúdos retirados de textos ou da fala das próprias educadoras. Há que se ressaltar, mais uma vez, que essa visão desconsidera a possibilidade de o filme comunicar certos conhecimentos que incidam diretamente na formação dos estudantes.

Considerações finais

O cinema foi abordado, no presente texto, como um artefato cultural que participa ativamente na produção, organização e disseminação de conhecimentos, valores, crenças e visões de mundo, razão pela qual se entende que seu modo de apropriação no espaço escolar não deve se restringir à ilustração de conteúdos estudados em sala de aula.

As primeiras sínteses conclusivas apoiadas nos dados da pesquisa foram de que as educadoras da EJA têm apropriado-se de filmes no espaço escolar, como ilustração do conteúdo estudado. Como consequência, o filme é por elas utilizado como um recurso adicional e secundário no processo de ensino, ocupando uma posição coadjuvante nas atividades escolares desenvolvidas com os estudantes da EJA. Em contrapartida, a ideia que se pretende sustentar, nesse texto, é a de que o filme como objeto de conhecimento medeia, organiza e dissemina saberes e conhecimentos.

A apropriação de filmes como ilustração e, por conseguinte, sua utilização como suporte ou complemento de outras atividades desenvolvidas no espaço escolar também foi alvo das críticas de Duarte (2002). Para a autora, apesar de esse recurso ser concebido e legitimado na literatura como objeto de conhecimento, ainda é visto pelos meios educacionais como coadjuvante no processo educativo. Nas palavras de Duarte (2002, p. 20): “[...] os meios educacionais ainda veem o audiovisual como mero complemento de atividades verdadeiramente educativas”.

Sabe-se, contudo, que a justificativa da presença do cinema na escola é seu uso com finalidades pedagógicas, comprometidas com a produção e a assimilação do conhecimento. Compreende-se, assim, que o cinema, na condição de artefato cultural, presta-se à saciedade a vários objetivos, sendo o entretenimento um dos mais difundidos. Contudo, quando se trata de utilizar filmes no espaço escolar, seu uso não deve restringir-se a essa finalidade. É preciso resgatar o sentido pedagógico do filme e entendê-lo como mediador de conhecimentos.

Para que isso ocorra, entretanto, é necessário que este conhecimento seja disponibilizado a estes profissionais. Como ressaltamos em outros momentos do texto, compartilhamos com Duarte (2002) e Napolitano (2009) quando os mesmos afirmam que os (as) professores (as) que utilizam filmes na escola necessitam conhecer pelo menos um pouco de teoria do cinema, de sua linguagem e de suas possibilidades pedagógicas, a fim de orientar suas práticas.

Como se pode observar, esta é uma questão que remete ao próprio processo formativo do educador. Embora se tenha uma legislação específica da área da educação (BRASIL, 1997, 2000, 2006) que aponte ser uma das competências do educador o uso e o domínio dos meios de comunicação nos processos educativos formais – o que inclui, nessa perspectiva, o cinema –, o presente estudo indicou que a formação das educadoras da EJA não contempla essas prerrogativas.

Evidentemente que não se trata, aqui, de propor uma formação de professor que os instrumentalize com a disponibilização de modelos de utilização do cinema na escola. Não é a partir da repetição ou da aquisição de técnicas de uso de recursos audiovisuais na educação que o (a) professor (a) poderá refletir sobre sua prática pedagógica com o uso de filme. De acordo com a literatura revisada, o conhecimento sobre o Cinema e as reflexões oriundas da Educação só são válidas quando o (a) professor (a) consegue articulá-las a sua prática profissional docente, mantendo-as sob uma atitude de permanente reflexão.

Uma alternativa apresentada nesse texto é de que, mesmo que a formação inicial e continuada dos (as) professores (as) não contemple uma orientação com relação ao uso de filmes no espaço escolar, estes (as) profissionais possam buscar por conta própria informações sobre determinados filmes e textos que problematizem a relação entre cinema e educação.

Entende-se que essa atitude assumida pelo (a) professor (a) colabora com uma prática com uso de filmes que não seja totalmente desprovida de orientação. O desafio apresentado ao final do estudo realizado reside em deslocar o eixo de análise, com relação à compreensão sobre os modos de apropriação do cinema pelas educadoras da EJA, para entender como os estudantes desta modalidade de ensino têm se apropriado, no contexto escolar, dos conhecimentos que circulam através do cinema. A ideia é analisar a hipótese de que o cinema opera o registro e a circulação de uma síntese de saberes e conhecimentos, que possibilitam aos indivíduos o entendimento sobre os eventos do mundo real.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Congresso. Senado. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2006. Seção I, p. 11.
- _____. Congresso. Senado. Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção I, p. 18.
- _____. Congresso. Senado. Parecer CNE/CEB 11/2000 dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção I, p. 18.
- _____. Congresso. Senado. Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de Graduação Plena. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 abr. 2002. Seção I, p. 31.
- _____. Congresso. Senado. Resolução CNE/CP nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CABRERA, J. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- _____. **Diário de um filósofo no Brasil**. Ijuí: Unijuí, 2010.
- CARLOS, E. J. O texto em questão: re-sígnificação conceitual e implicações pedagógicas. **Revista Conceitos**. João Pessoa, v. 06, n. 13, p. 61-73, jul., 2002/dez. 2002.
- _____. O texto-imagem e a educação de jovens e adultos. **Revista Conceitos**. João Pessoa, v. 6, n. 13, p. 42-50, ago., 2005/ago. 2006.
- _____. (Org.). **Introdução: por uma pedagogia crítica da visualidade**. In: Por uma pedagogia crítica da visualidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 11-26.
- CARLOS, E. J.; FAHEINA, E. F. A. O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. In: CARLOS, Erenildo João (Org.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 27-44.
- DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- EISENSTEIN, S. **O sentido do filme**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FAHEINA, E. F. A. Uma análise da produção acadêmica brasileira sobre o uso pedagógico de filme na EJA. In: **Seminário Nacional de Educação e movimentos sociais**, 6., 2011, João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB, 2011.
- FORQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LOURO, G. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliana, et al. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Notas

¹ O levantamento dos trabalhos de dissertações e teses da CAPES publicados no VI Seminário Nacional de Educação e Movimentos Sociais confirma o número reduzido de publicações, especialmente quando vinculadas à modalidade de ensino EJA. Cf. Faheina, 2011.

² As publicações em questão são as já citadas no presente texto: Duarte (2002), Louro (2000), Napolitano (2009) e outros.

³ O projeto Curta na Escola surgiu a partir de 2006 com o objetivo de oferecer aos internautas, sobretudo os profissionais da educação, materiais contendo algumas orientações pedagógicas para uso de filmes em sala de aula. Para obtenção de mais informações, acesse o site: <http://www.curtanaescola.org.br/>.

⁴ Os trechos das entrevistas foram transcritos respeitando a expressão oral dos entrevistados. Desse modo, permissividades da língua falada e possíveis equívocos no uso da língua foram aqui mantidos.

⁵ Estes documentos são os já citados neste texto, a saber: Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006), as DCNs para a Formação de Professores da Educação Básica (BRASIL, 2002), o Parecer CNE/CEB 11/2000 que versa sobre as DCNs para a Educação de Jovens e Adultos e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Artes (BRASIL, 2007).

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Joao Pessoa, Paraíba – Brasil.

** Professor Doutor da Universidade Federal da Paraíba. Joao Pessoa, Paraíba – Brasil.

Correspondência

Erenildo João Carlos – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação – Campus I, Departamento de Fundamentação da Educação. Cidade Universitária, Castelo Branco, CEP: 58059-900 – Joao Pessoa, Paraíba – Brasil.

E-mail: evelynfaheina@gmail.com – erenildojc@hotmail.com

Recebido em 24 de junho de 2013

Aprovado em 13 de novembro de 2013